

ANNO X
NUMERO 250



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

Mootcy

Só não tem Cabello
nem Barba
quem quer!!

Fazemos nascer Cabello aos calvos e Barba aos sem ella, em 20 a 24 dias

O genuino **Mootcy** é o unico preparo para a barba e o cabelo, que se produz segundo as ultimas experiencias da sciencia, e é provado que o genuino **Mootcy** é o unico remedio que produz um tal effeito sobre as cellulas do cabelo e as raizes da barba que crescem logo depois da applicação.

O preço para o **MOOTCY** é de **2\$515 réis por porção** (uma porção chega perfeitamente).



Mootcy depôt: HOLMENS KANAL, 28-Kopenhagen, 164

Deposito em Lisboa :

FERREIRA & FERREIRA, Succes.—99, Rua da Prata, 101

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.
o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—
Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—
Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—
Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Romania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega.— Duque de Saxe Coburgo-Gotta.—
Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.
PARIS.—334, Rue St. Honoré.
LONDON W.—10, Wigmore Street.

LOUIS
RHEAD

Lambertini

REPRESENTANTE

DOS

Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi,
 Peters, Breitkopf, Litolff, Stein-
 gräber, etc.

Partituras
 de Operas
 antigas e modernas
 para piano e para canto

Leitura Musical

POR ASSIGNATURA

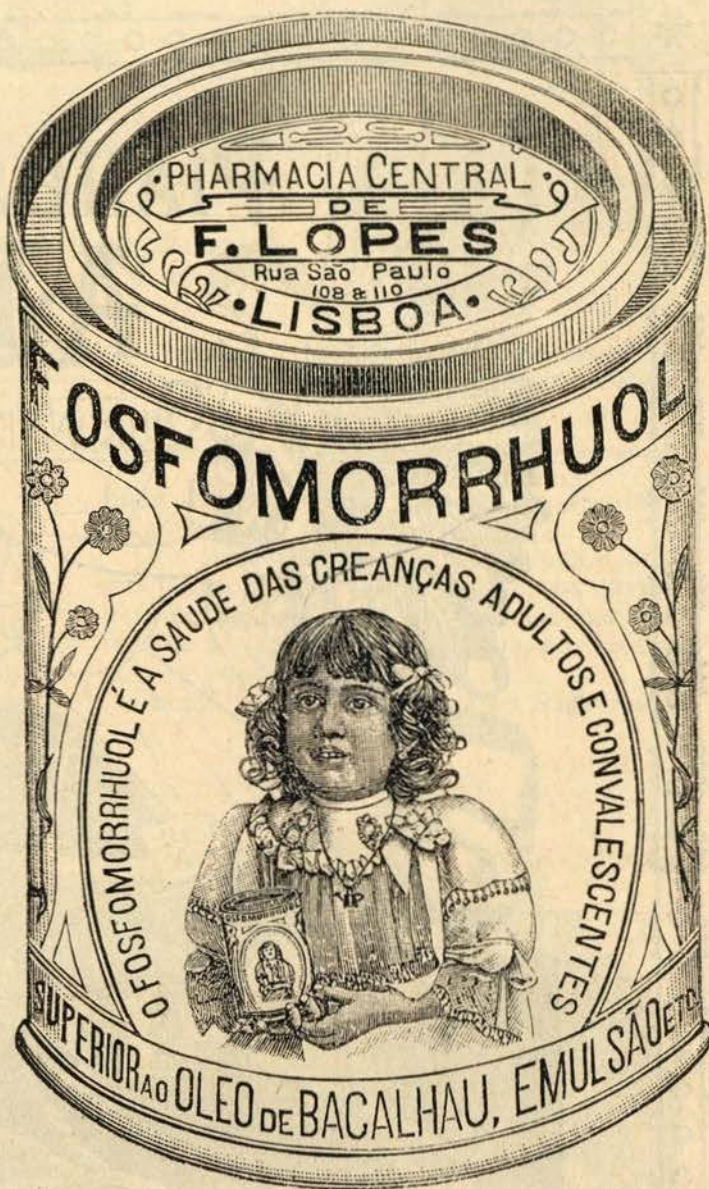
500 réis mensaes

Peçam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior Qualidade



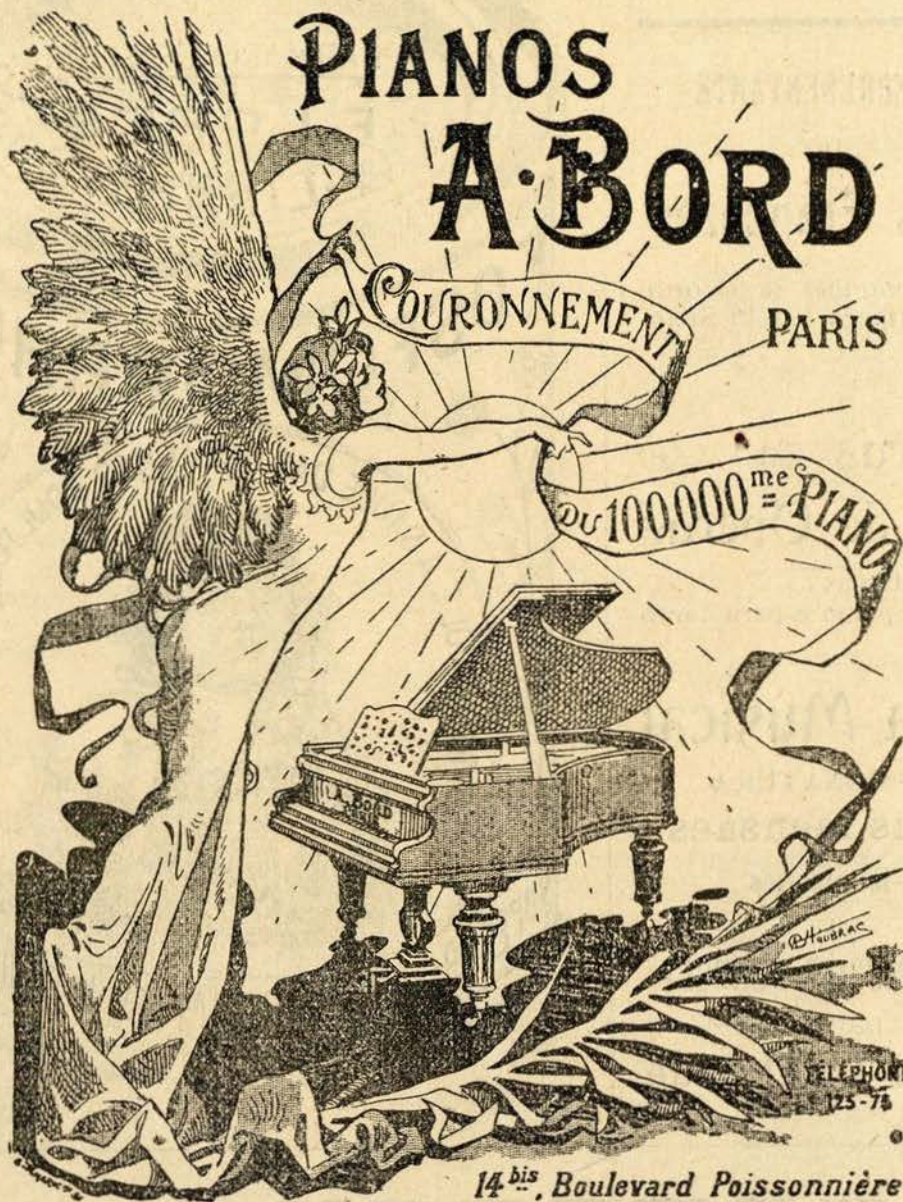
LAMBERTINI

Representante e UNICO DEPOSITARIO dos

CELEBRES
 PIANOS

BECHSTEIN

Praça dos Restauradores



14^{bis}, Boulevard Poissonnière.

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000
Produção até hoje 119:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors concours



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — Opera de Paris. — Notas vagas. — Concertos. — Noticiario.

Opera de Paris

Em um dos ultimos numeros do *Petit Journal* veem umas curiosas notas sobre o primeiro theatro lyrico francez, que, apesar de desadorarmos as transcripções, nos parece que poderão interessar aos leitores d'esta revista.

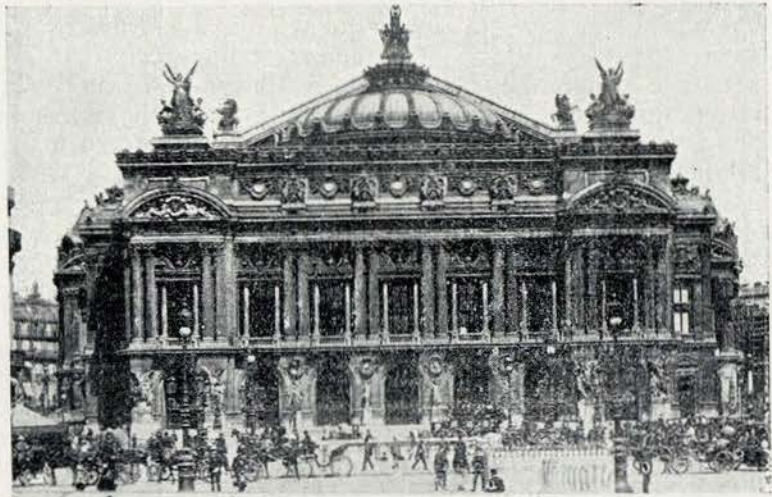
Começa o articulista do jornal parisiense por demonstrar que em França, os dois assumptos que verdadeiramente conseguem apaixonar a opinião publica, são a *politica* e o *theatro*. E notando serem essas as predilecções inherentes ás civilisações mais requintadas, cita os Romanos e os Bysantinos da decadencia, como os povos, que, na antiguidade, renderam culto mais fervoroso a essas duas manifestações de actividade social.

Em Portugal, terra de *by-santinos*, onde a civilisação deita positivamente *os bofes pela bocca fóra*, não podiam deixar tambem de ser esses os dois assumptos dilectos da opinião — a *politica* e a *opera*. Porque, para o nosso indigena, sorumbatico de natureza e pouco inclinado a novidades, ainda se não inventou, depois da *politica*, nada de mais divertido do que a *opera*, ou antes do que a *Opera*, com O grande, o que faz sua differença. Cousa absolutamente espantosa n'um paiz,

onde parece que se não morre d'amôres pela musica !...

Ora se bem que os enthusiasmos lusitanos se confinem habitualmente nas quatro paredes de S. Carlos, crêmos que nunca é fóra de proposito estudar o que, em identico campo d'acção, se faz lá fóra.

Damos por isso a palavra ao *Petit Jour-*



A OPERA DE PARIS

nal, para que nos conte o que é, por dentro e por fóra, a famosa *Academia Nacional de Musica*.

*

A Opera recebe do Estado uma subvenção annual de 800:000 francos, variando as suas receitas entre 12:000 e 21:000 francos por noite. Apesar disso, os empregarios, como se viu na ultima crise, não sómente não ganham dinheiro, mas perdem-no.

Assim é que a sociedade Massager-Brous-

san, em um anno a partir de 27 de janeiro de 1908, teve um *deficit* de mais de 500:000 francos.

Pedro Gaillard, o empresario anterior, que foi sempre tido por habil administrador, não foi tão infeliz e chegou mesmo a obter lucros; dirigiu durante vinte annos a Opera, e findo esse prazo retirou-se com um beneficio de 97 francos e 50 centimos, alem dos seus honorarios de director, o que vem a equivaler a um lucro de 5 francos por anno!

Esses resultados são de molde a causar-nos a mais legitima surpresa, quando se não considere, mesmo superficialmente, a enorme despeza annual do vastissimo palacio de Carlos Garnier.

Em janeiro do anno passado, pediu-se a um architecto um calculo preventivo das despezas necessarias para a limpeza, tanto interior como exterior, do edificio. Sabem a quanto montou esse calculo? A um milhão de francos.

É inverosimil, mas vejam: a despeza annual de varrer a sala custa 36:000 francos. Trinta e seis mil francos!... E o aquecimento importa em 90:000 francos annuaes.

Mas vejamos um pouco as dimensões do edificio. A superficie total occupada pela Opera é de 11:237 metros, emquanto que a Nova Opera de Vienna tem apenas 8:657 metros e o Grande Theatro de S. Petersburgo não excede a 4:559. A Academia Nacional de Musica é portanto o mais vasto de todos os theatros da Europa.

Contém a sala d'espectaculo 2:156 logares, emquanto que a antiga sala da rua Les Pelletier, incendiada em 1873, não tinha mais de 1771.

A altura do edificio, desde o nivel da praça até ao terraço superior, é de 56 metros. Desde o fundo do quinto subterraneo (porque a Opera tem 5 andares abaixo do nivel da rua) até á parte mais alta do grupo que adorna a fachada, ha quasi 82 metros.

Querem ainda mais cifras?... O numero das portas, por exemplo?... Adivinhem... Duzentas, trezentas?... Pois não! Mil duzentas cincoenta e tres, nem menos uma. E quantas chaves imaginam para abrir todas essas portas e as dos armarios onde se guardam fatos, adereços, etc? Nada menos de 7:593 chaves, que o serralheiro da empresa tem de custear e ter sempre em ordem.

Agita-se n'esta immensa colmeia a população de uma pequena villa — pois, conforme um relatorio perfeitamente documentado de Serge Basset, o pessoal completo da Opera eleva-se á cifra de 1:547 individuos.

O espectadôr, antes d'entrar na sala, só

vê alguns porteiros e os graves *buralistas* encasacados, que os theatros portuguezes ainda não copiaram e que realmente não servem para muito. Quando se assenta no seu logar, vê uma orchestra de 105 executantes, os artistas cantôres, que são em numero de 58, os coristas que são 102, e mais 60 supplentes, os figurantes, que são 277 e o corpo de baile, que comporta 213 dançarinos de ambos os sexos.

Já não vê pouco e vê apenas a minoria do pessoal do theatro lyrico. Quantos artistas, quantos funcionarios, quantos operarios estão ainda trabalhando para seu gozo, e sem que elle os veja! São os directores de scena, os chefes de canto, os pontos, os ensaiadores, os aderecistas, os armeiros, etc., os musicos de scena, que não são menos de 60, os machinistas que, contando com os 22 carpinteiros e 14 armadores adjunctos, perfazem a imponente totalidade de 279 pessoas, os electricistas, em numero de 28, os *costumiers*, alfaiates e costureiras, que são quasi um cento, os moços de camarim e cabelleireiros, que são 136, etc. E passamos em silencio os operarios que se occupam especialmente da conservação do edificio, os 20 guardas-nocturnos, os fieis, os porteiros, e — bem entendido — os senhores directores e todo seu pessoal d'escriptorio.

Como vêem, a Opera é um mundo, e não exageravamos quando ha pouco a comparavamos a uma immensa colmeia. Trabalha-se ali desde cima até a baixo, e desde as primeiras horas da manhã até ás mais avançadas da noite. Os machinistas animam com o seu incessante labutar os cinco andares subterraneos e os dois immensos *grils* ou varandas dos andares superiores. Os electricistas preparam maravilhosos effeitos de luz, postos em acção pelo *jeu d'orgues*, que se acha por baixo da scena — e note-se que, adicionando todos os serviços d'illuminação, chega-se á fabulosa cifra de 10.000 lampadas:

Os alfaiates e costureiras, nos seus *ateliers*, confeccionam e concertam os fatos, e ha até na Opera um sapateiro encarregado da conservação do mais variado museu de botas, que se pôde imaginar.

Desde as 9 horas da manhã, os salões de dança animam-se com a presença de alumnos e artistas, de ambos os sexos, que veem estudar sob a direcção dos respectivos mestres de dansa.

A' tarde, são os ensaios de canto e de orchestra, que occupam principalmente as atenções do pessoal.

O publico não pôde fazer uma leve ideia da somma de trabalho e dos recursos d'ha-

bilidade, d'arte e de talento que ali se empregam, para a satisfação dos seus olhos e dos seus ouvidos.

*

Mas um tão complicado organismo custa terrivelmente caro. As despesas annuaes da Opera não se fazem com menos de quatro milhões de francos — tanto como as de uma villa importante. Os honorarios dos cantores attingem quasi um milhão: é a verba que tem augmentado mais n'estes ultimos 20 ou 30 annos, pois, como é notorio, todos os grandes theatros da Europa disputam, a peso de ouro, as celebridades, que as scenas americanas acabam por conquistar, a golpes de dollars.

Ha 60 ou 70 annos, os cantores illustres já se faziam pagar por quantias assaz fortes, mas estavam longe de attingir as exigencias actuaes. Em 1842, as principaes damas e bailarinas da companhia da Opera tinham os seguintes ordenados: Rossina Stolz, contralto, 75:000 francos por anno; Dorus Gras, soprano, 60:000; Nathan-Treillet, soprano, 10:000; Nequillet, soprano, 23:000; De Roissy, soprano, 15:000; Carlota Grisi, primeira bailarina, 40:000; Louise Fitzjames e Pauline Leroux, bailarinas caracteristicas, cada uma 18:000; Meile Mario, primeira bailarina, 25:000; Melle Forster, outra primeira bailarina, 16:000; as irmãs Desmilâtre, bailarinas de segunda ordem, 10:000; cada bailarina do corpo de baile, 1:500; cada corista, de 1:280 a 2:500 francos por anno. As figurantes que se chamavam então *mar-cheuses*, tinham 500 francos annuaes.

Estas cifras augmentaram desde 1842, sobretudo no que respeita aos tenores, cujos honorarios attingem cifras fantasticas. O celebre Alvarez não recebia menos de 16:000 francos por mez, ou sejam 160:000 francos no fim dos dez mezes d'exercicio. O tenor Affre tinha 100:000 francos no mesmo periodo de tempo. Quanto aos outros artistas principaes, Melles Bréval e Grandjean, os srns. Delmas, Scaramberg, Noté, etc., venciavam sommas tambem avultadas, variando entre 60:000 e 100:000 francos por anno.

O ordenado annual das duas orchestras attinge 325:000 francos; o dos machinistas, 225:000; o das massas coraes, pouco mais ou menos o mesmo. Os bailados acarretam uma despeza superior a 246:000 francos annuaes; o scenario, 100:000 francos; a feitura e conservação dos vestuarios, 144:000; a iluminação, mais de 200:000. E' preciso tambem notar, entre os mais importantes gastos, o direito dos pobres que leva á Assistencia publica o melhor de 275 a 300:000 francos, e os direitos d'auctor, que se podem

cifrar em 240:000 francos annuaes, contando escassamente.

São tambem e teem sido sempre formidaveis as despesas da *mise-en-scène*. Ahi vão alguns exemplos. Os *Huguenotes*, que se cantaram pela primeira vez em 1836, custaram 160:000 francos; o *Hamlet* em 1868, 100:000. Por occasião do incendio da Opera da rua Le Peletier, foi preciso substituir o material scenico de muitas operas, que se inutilisaram na catastrophe. A *Hebréa* custou 190:000 francos; os *Huguenotes*, 173:000 francos; o *Fausto*, 187:000; o *Propheta*, 224:000; a *Aida*, 270:000.

A opera que custou mais cara foi a *Dame de Montsoreau*, 320:000 francos, para não dar afinal senão um numero limitado de representações; a mais barata de todas foi a *Walkiria*, que fez a despeza, relativamente exigua, de 80:000 francos.

Como se vê, os gastos da *mise-en-scène* attingem, em média, uma importancia de 150 a 160:000 francos, que é como quem diz, para cima de trinta contos de réis. Escusado será dizer que os emprezarios pensam... duas vezes, antes de se resolverem a montar uma opera nova!

*

As consideraveis despesas que temos enumerado justificam sobejamente a subvenção de 800:000 francos, que o Estado concede annualmente á Opera. E está comtudo provado, que mesmo com esse auxilio governativo, nem sempre as direcções do lyrico conseguem evitar serias perdas.

Além d'isso, a subvenção do governo francez não é a mais forte, em comparação com as que outros paizes europeus costumam conceder aos seus theatros. A Opera Real de Berlim tem 1.125:000 francos. A Opera de Paris vem a seguir; as de Dresde e de Vienna recebem 600:000 francos; a de Wiesbade, 500:000; as de Carlsruhe e de Praga, 375:000; as de Munich e de Darmstadt, 312:500 francos.

Em Inglaterra os theatros não são subvencionados, e nem por isso deixam de prosperar. Será esse um argumento em favor dos que defendem a suppressão de todo e qualquer apoio governamental?

Em Paris ha quatro scenas, lyricas e dramaticas, que gozam d'esse beneficio, o que tem dado logar, por vezes, a violentas discussões no parlamento.

Na camara franceza havia em tempos um original deputado pelo Aube, a que chamavam o *pae Michou*, e que invariavelmente, todos os annos, reclamava a suppressão d'essas verbas.

— Aos parisienses, dizia elle, é que compete fazer sacrificios pelos seus theatros. Não posso admittir que os eleitores da minha circumscripção contribuam para a subvenção da Opera, quando, muito naturalmente, nunca lá puzeram os pés!...

Não havia meio de o convencer de que ia n'isso um interesse nacional. O obstinado Michou não desarmava:

— Ajudam-nos porventura os parisienses, retorquia elle, a construir o mercado de Bar-sur-Seine? Dão-nos alguma cousa para embellezar a *mairie*? Pois então, que se aranjem sósinhos com a sua Opera!...

A argumentação do bom Michou era em extremo simplista, pois não ha duvida que se admittirmos que o Estado tem por obrigação fomentar as Bellas Artes, temos que accèitar, como consequencia natural d'essa obrigação, a subvenção ás grandes scenas lyricas e dramaticas encarregadas de manter as tradições da arte nacional

Infelizmente, essa liberalidade dos governos tem o grave defeito de implicar a intervenção nas administrações theatraes, de homens politicos, que por completo desconhecem a engrenagem especial d'este genero d'administrações. E a intervenção dos politicos é sempre funesta, onde quer que se produza...

E o peor é que ha em França um certo numero de visionarios que sonharam resolver a crise em que se debate o primeiro theatro parisiense, monopolisando-o em favor do Estado. Então seria um cumulo, a Opera dirigida e administrada por burocratas!.

A Academia Nacional de Musica passaria a ser um largo nicho de afilhados, em que os deputados encontrariam um lugar comodo e pouco exigente para um regimento de protegidos. Os 1:500 individuos que a Opera agora sustenta seriam em breve 15:000; e o orçamento actual de 4 milhões não tardaria em subir a quarenta!

Ao menos o Estado não teria de lutar contra os exigentes e rabujentos accionistas. Teria só um commanditario... mas o commanditario ideal, o bom contribuinte que paga sempre e nunca se atreve a reclamar.

Praza aos ceus que essa linda experiencia do collectivismo pratico nos seja poupada...



Cartas a uma Senhora

131.ª

De Lisboa.

Tenho deante de mim um livro *A Musa Alemtejana* sobre que já desejei falar-lhe, e para o qual solicito agora um clarão do seu olhar.

O conde de Monsaraz não carece de que as tubas lhe assoprem a fama, e a que eu empunho é de tal maneira insignificante, que a minha entrada ou não n'um concerto, nem sequer notada se torna

Em todo o caso por que se lembrou d'um velho amigo e admirador que cá da penumbra em que vive nunca deixou de applaudilo, quero ao menos testemunhar-lhe que uma a uma folheei as paginas do seu recente trabalho, e isso explica por que ousarei occupar-me d'elle com vagar e com amor.

A Musa Alemtejana representa a um tempo a obra de um artista na plena posse de todos os preceitos da technica, do rythmo e da rima, e a corporisação dos sonhos de um poeta que as contingências da vida não lograram materialisar, e que continúa doirando com a divina luz do ideal todas as impressões que recebe do mundo exterior, como igualmente lhe saem doiradas pela mesma luz todas aquellas que na propria alma se lhe formam e constituem o seu mundo interior.

O poeta n'uma expressão de franqueza confessa:

Que é uma pena que a gente
Não diga tudo o que sente,
Nem sinta tudo o que diz,
Quando confia segredos
A's musas do seu paiz.

Mas quer-me parecer que é injusto consigo mesmo, porque precisamente n'este seu livro, elle nos mostra bem todo o seu modo de ser, e nós vemo-lo sentir e pensar. Assim, tal quadrinho luminoso do seu luminoso Alemtejo, tal recanto discreto de um ou outro coração que auscultou, simultaneamen-

tê collocam perante a nossa retina a coisa vista, a emoção surpreendida, e a personalidade delicada e sensível de quem descreveu uma ou de quem fixou outra.

E com que absoluta mestria, com que suprema finura, o poeta consegue obter a fusão perfeita do seu *eu* de observador que analisa o que nos vae contar, com o *eu* das pessoas ou das cousas de que nos fala!

Das cousas, sim, que a minha amiga não ignora que também estas possuem um *eu*, e innumeradas ha ahí, na existencia de alguns de nós, que gemem, cantam e palpitam como se acaso fossem creaturas vivas e corações ardentes

Ora o conde de Monsaraz é d'estes, dos que sem de modo nenhum nos offuscaram com o excesso do seu personalismo, porque não soffre d'essa hypertrophia, encontra sempre o meio de nos fazer perceber como sente e o que sente, em que medita e para o que tende, nunca perdendo de vista o seu assumpto nem a elle se sobrepondo.

Junte-se a esta qualidade invejavel o dom de visionar estados psychicos, até da propria natureza quando esta por exemplo se desdobra n'um panorama ou se enquadra n'uma paisagem, e facilmente se comprehenderá o motivo por que elle não só nos encanta, mas não raro nos commove.

Composições como a *Cruz de trovisco*, *Tragedia rustica*, *Serenata a Nossa Senhora*, *Os ciganos*, *Extrema Uncção* e a *Bem-vinda* de que já em tempos commovidamente lhe falei; ou, como a *Santa Cruz*, *As mondadeiras*, *A velha canção*, *Primavera*, *Alma religiosa*, *As cegonhas*, *Intima paz* e *Silencio tragico*, para não citar mais, á larga documentam o que deixo dito

Convem accrescentar que a *Musa Alemtejana*, realisa ainda outra idéa: — é um livro regional, cheirando alacrememente ao pedaço de solo portuguez, onde o auctor nasceu e a que com enternecimento quer, o que todavia não o faz uma obra de interesse restricto pelo particularismo, porque o fundo sopro humano que n'elle perpassa e a quente sympathia que o envolve, a todos nos são communs.

Depois d'isto duvidar que lendo-o, o tenha amado, seria impertinente — ou imbecil.

Estou mesm'o convencido que não só reservou para elle um dos melhores dos seus sorrisos, mas haverá, quem sabe? procurado faze-lo perceber e sentir a algumas d'essas estranhas gentes com quem vive e cujas linguas conhece, para atravez da sua fina sensibilidade de senhora e do seu patrio affecto de portugueza, demonstrar a existencia, na sua patria e na sua lingua, de um d'aquelles es-

piritos que é um ganho conhecer e uma alegria apreciar.

O conde de Monsaraz, escrevendo versos que encerram bellos conceitos, contam historias tocantes e descrevem pittorescos quadros, fez mais pela perpetuidade da nossa historia e pelo brilho do nosso nome, que os seus collegas proceres legislando ou politicando, pelo que eu preferirei vê-lo sempre envolto na rutila e immaculada clamyde da Poesia, essencia da Belleza, emanação da Verdade, guia eterna das almas e suprema pacificadora das consciencias...

De resto, ainda que elle quizesse esquecerlo, não poderia, desde que escreveu isto:

...a gente muda tanto!
Nos turbilhões d'esta continua lida
Fica-nos muitas vezes esquecida.
Qualquer bella impressão da nossa vida,
Como uma flor que nos caisse a um canto!

Mais tarde essa impressão

Acorda novamente

E ao ver a flor inda com viço, então,
N'um sonho vago soffre, gosa e sente
O antigo aroma a encher-lhe o coração

Ora, a melhor impressão da sua vida será, sem contestação, esta de ter vindo ao mundo predestinado para falar a linguagem mysteriosa do ideal.

Os que seguindo

...em busca da ventura
que foge quanto mais ás veses se procura

desprezam essa linguagem, é que sem duvida não a entendem; mas lamentemo-los e não clamemos como o Poeta:

Ai somno eterno! Os mais felizes
São os que a terra já consome
Sustentam vermes e raizes
E não têm frio e não têm fome...

Não; os mais felizes serão os que embora soffrendo do frio do egoismo, e da fome do Amor, saibam pedir á Poesia o calor dos nobres impulsos que salvam e o alimento das grandes verdades que edificam.

AFFONSO VARGAS.





No dia 27 realisou-se no Salão do Conservatorio o concerto promovido por M^{me} Calimerio, actualmente discipula do distincto professor de canto Francesco Codivilla. Ha muito tempo que admiramos os dotes artisticos de M^{me} Calimerio, assim como a sua bella voz d'uma apreciavel extensão, volumosa e bem timbrada, qualidades estas que a collocaram entre as primeiras artistas no seu genero ; pesentemente, porém, todas essas qualidades adquiriram maior brilhantismo devido á bella empastação de voz que hoje se observa em M^{me} Calimerio, resultado dos conselhos judiciosos do seu professor.

Assim foi M^{me} Calimerio justamente applaudida em todos os trechos que nos fez ouvir, salientando-se porém na romanza *Não sonhes* de D. Francisca Gonzaga, habilmente acompanhada na harpa por M^{elle} Maria Silva, e que teve de bisar a pedido de todos os espectadores.

Verdadeiramente notavel a fórma como cantou a romanza da opera *Cavallaria Rusticana*, a que imprimiu um extraordinario sentimento dramático, e que lhe valeu uma prolongada ovação.

N'este concerto fez-se ouvir o distincto violinista Francisco Benetó, que alcançou como sempre um grande successo nos trechos que executou, assim como o talentoso violoncellista o sr. Manoel da Silva, que alem dos trechos que lhe estavam commettidos, tocou a sonata de Rubinstein para substituir o trio de Beriot a cargo das sr.^{as} D. Margarida, D. Camilla e D. Eleuteria Casaes de la Rosa, que por causa de força maior não poderam tomar parte n'esta interessante audição.

*

Na noite de 27 d'abril realisou no theatro da Trindade a sua festa artistica a distincta cantora D. Izabel Fragoso que tão bem tem secundado a iniciativa da empreza Taveira no emprehendimento verdadeiramente benemerito da execução de diversas obras cantadas em portuguez. Izabel Fragoso é um dos melhores elementos de que conta a empreza da Trindade, e sem o seu auxilio não teria certamente vingado essa arrojada idéa que constituiu, esta epocha, um dos mais

notaveis acontecimentos artisticos. Para a sua festa, escolheu a intelligente artista os 2.^o e 3.^o actos do *Barbeiro de Sevilla*, o rondó da *Lucia* e a valsa da sombra da *Dinorah*.

Na lição do *Barbeiro* executou Izabel Fragoso a *Perle du Brésil* e ainda nos fez ouvir uma composição de Alfredo Mantua. Tanto na *Perle du Brésil*, como na valsa da sombra e rondó da *Lucia* patentou mais uma vez Izabel Fragoso a sua grande virtuosidade e afinação impecavel.

A cadencia do rondó foi bisada a pedido de todo o publico, que fez á gentil artista uma grande ovação, de que partilhou o professor Taborda, um dos nossos mais distinctos flautistas.

A noite da sua festa ficou sendo uma data memoravel para Izabel Fragoso, visto que n'ella pôde apreciar claramente, o alto conceito que o nosso publico professa pelos seus raros dotes artisticos.

*

Realisou-se no dia 1 do corrente, em Coimbra, no Theatro do Principe Real, um brilhante concerto promovido pela ex.^{ma} sr.^a D. Marianna Portocarrero da Camara, a favor das Creches da mesma cidade. O concerto foi precedido de uma conferencia feita pelo erudito critico de arte Antonio Arroyo, que falou durante largo tempo, mostrando os seus profundos conhecimentos musicas ; o seu discurso foi coroado por uma grande ovação.

Seguiu-se o concerto, abrindo a primeira parte a Tuna Academica com o seu hymno que foi ouvido de pé por todo o publico que enchia a vasta sala, depois começou cumprindo-se o programma ; a sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, a illustre artista amadora, executou magistralmente ao piano trechos de Schubert, Grieg, Liszt, Chopin, Oscar da Silva, etc.

A sr.^a D. Sarah da Motta Vieira Marques cantou brilhantemente uma melodia de Marchetti, uma canção popular de Augusto Machado e a aria da opera *Gioconda*, onde a notavel cantora pôde bem patentear os seus extraordinarios recursos de artista consummada ; uma vibrante ovação fez-se sentir ao terminar este numero do programma.

Muito applaudido o notavel barytono Bensaude, que além do prologo da opera *Palhacos* cantou com a ex.^{ma} sr.^a D. Sarah o duetto do *Barbeiro de Sevilla* em que ambos se houveram muito bem.

Vamos agora referir-nos ao Orpheon Academico, que, diga-se na verdade, nos

deixou maravilhados. Quanto trabalho, quanta paciência, quanta boa vontade para conseguir aquelle resultado! Deu-nos o Orpheon uma execução muito bem cuidada do côro *Ceia dos Apostolos* de Wagner, de um choral de Bach, e do côro da opera *Freischütz* de Weber. Um bravo sincero a Antonio Joyce, pelo seu brilhante trabalho.

Temos ainda a registar o enorme successo alcançado pela notavel poetisa ex.^{ma} sr.^a D. Branca de Gonta Colaço, que fez as delicias de toda a sala, recitando com a sua melodiosa voz varios sonetos. Não terminaremos esta breve noticia sem nos referirmos, com verdadeiro pesar á falta de dois illustres amadores que figuravam no programma, os srs. dr. Ferreira Cardoso e Antonio Lamas, que por motivo de força maior não puderam tomar parte no concerto. Em resumo, foi uma bella festa d'arte, onde dominou sempre a alegria dos academicos que em grande numero enchiam a plateia.

C M.

*

O Porto deu durante esta quinzena um bom contingente para a nossa secção de Concertos.

No *bariolado* theatrinho do Palacio abriram a série, em 1 de maio, dois novos, que são já duas glorias para a invicta capital do norte — Raymundo de Macedo e D. Ophelia d'Oliveira. E abriram-na brilhantemente.

Raymundo de Macedo é uma complexa personalidade d'artista, um feixe de nervos d'uma rara vibratilidade ao serviço d'uma cabeça de pensador e de estudioso. Amador da sua arte até á idolatria, tem trabalhado, de ha uns annos para cá, as obras do seu repertorio com desvellos de verdadeiro namorado, não hesitando em consultar para cada uma d'ellas os mestres de maior nomeada ¹

Assim, cada um dos auctores que nos traduziu no seu bello concerto de 1 do corrente, Beethoven, Chopin e Liszt, mereceu ao talentoso artista umas preocupações de estylo e d'interpretação que não são nada vulgares nos cultores do piano. Com a execução da *Appassionata*, da *Fantasia*, *Estudo* e *Ballada* de Chopin, da *Segunda Ballada* e *Polonaise* de Liszt, o interesse foi subindo

¹ Contam-se entre elles os considerados concertistas Reisenauer e Vladimir de Pachmann, que esquecemos citar nas notas do nosso numero de 30 abril a respeito do joven artista portuense. Tambem por lapso se não alludiu n'essas notas ao illustre mestre portuense, Bernardo Moreira de Sá, primoroso educador de quasi toda a actual geração artistic a nacapital do norte, o qual, até 1901, dirigiu com summa proficiencia os estudos musicas de Raymundo de Macedo.

de ponto e o artista que a principio só a custo conseguia dominar os nervos, visivelmente incommodado com um ferimento n'um dedo, foi pouco a pouco assenhoreando-se da sua arte e da sua tranquillidade, chegando a dar-nos nas obras de Liszt, que figuravam na ultima parte do concerto, uma d'essas impressões que difficilmente se apagam

Raymundo de Macedo, *virtuose* na mais sadia accepção do termo, parece-nos comtudo que se ha-de especialisar na musica de Liszt; ou seja por predilecção ou por temperamento. affigura-se-nos, e não é a primeira vez que enunciámos este parecer, que o sympathico artista se sente mais á vontade na musica do celebre mestre hungaro do que na dos outros compositores em que temos tido occasião de ouvir-o.

Mas quando se tem 28 annos e a alma a transbordar de risonhas esperanças, ha tempo e coragem para se trabalhar, e Raymundo de Macedo, insaciado e sempre descontente de si proprio, como todo o verdadeiro artista, é o primeiro que pensa muito a sério em fazer, no regresso da projectada *tournee* ao Brazil, uma nova estação de estudo em Leipzig, onde, como já tivemos ensejo de dizer, se completou tão brilhantemente a sua educação professional

De D. Ophelia d'Oliveira podemos affirmar sem receio d'exagero que é uma das mais encantadoras violinistas que conhecemos.

Respeitosa, a mais não poder ser, de todas as intenções dos mestres, e na sua extrema sobriedade, incapaz de sacrificar a certos effeitos de gosto duvidoso, mas de directo alcance sobre a plateia vulgar, a menor parcella da sua Arte, a illustre discipula de Carlos Dubbini revelou, n'esta sua nova apresentação, innumeradas qualidades que só se adquirem á custa de um trabalho de ferro, ainda quando se conta com os mais favoraveis dons da natureza. A afinação é segurissima, a arcada larga e firme, o som lindo; e quanto á parte mechanica, se apoz o longo interregno de trabalho, a que a forçaram as prescripções indicadas, pôde a gentil tocadora pormenorizar, tão correctamente como o fez, o vertiginoso *Perpetuum mobile* de Ries, é porque a sua technica foi judiciosa e pacientemente preparada.

A *Sonata* de Haendel e a *Romance* d'Ambrosio, em cuja execução tambem Raymundo de Macedo collaborou superiormente, tiveram uma primorosa interpretação por parte da distincta concertista, e fizeram ressaltar, mesmo para os menos entendidos, os apreciaveis dotes que ha pouco enumerámos.

Tanto D. Ophelia como o pianista Macedo foram muito brindados e calorosamente applaudidos pelo numerosissimo auditorio, que enchia o salão.

*

A 3 de maio, deu o notavel professor Ernesto Maia a sua 18.^a sessão musical no salão do *Centro Commercial do Porto*. Foi uma noite de bem merecida festa para o illustre artista, que, rodeado pelas suas discipulas queridas e pela élite intellectual e artística do Porto, se pôde produzir sob o multiplo aspecto de leccionista de piano, de emerito pianista e organista e de brilhante compositor e ensaiador de côros.

Do numeroso nucleo das suas alumnas, destacou Ernesto Maia as seguintes para esta audição: Georgina Cabral, Maria Amelia e Elisa Andresen, Dagmar Cabral, Candida Assumpção, Conceição Pinto dos Santos, Clotilde Cunha, Zinia d'Andrade, Maria Brandão, Maria Clara Figueirinhas, Laura e Emilia Faicão Cabral, Leonor Aranha e o menino Antonio de Lima Frago. Bem nos pesa não poder especialisar algumas d'ellas, que, sob o patronato artistico de tão consciencioso mestre, hão-de ir com certeza longe no glorioso caminho da arte; mas, se houvessemos de fazer distincções, correriamos o risco de desanimar, e talvez sem razão, algumas das diligentes alumnas. A escola é seguramente optima e, mesmo nas menos dotadas, se puderam apreciar as solidas qualidades do ensino artistico de Ernesto Maia, a quem não fazemos favor algum proclamando-o um dos mais sérios e eruditos mestres da nossa terra.

Entre as obras apresentadas pelas alumnas, todas meticulosamente escolhidas no melhor repertorio pianistico, conta-se uma interessante série de peças de Claude Debussy, para piano a duas e quatro mãos, que eram, na sua maioria, ainda desconhecidas entre nós.

Do valôr de Ernesto Maia, como organista, já a *Arte Musical* se tem occupado mais d'uma vez; no órgão Mustel, a que o insigne musico tem consagrado um verdadeiro culto, fez ouvir um *Concerto* de Haendel, com piano, uma *Ariette* do seu professor J. Bizet e uma *Fanfarra* de Lemens; no piano tocou com o valioso violinista portuense Henrique Carneiro uma preciosa Sonata de Mozart, que obteve, como as peças d'órgão, um merecidissimo triumpho.

Resta-nos falar dos côros, cuja primorosa execução encantou unanimemente a assistência, pela rigorosa afinação, exacta observancia das nuanças e frescura das vo-

zes. Ernesto Maia, dirigindo com extrema sobriedade de gesto esse formoso grupo de 30 cantôras, obtem effeitos em extremo felizes e gradações de colorido que raramente se observam ainda nas massas coraes de mais facil disciplina. *La Nuit de Noel*, de Liszt, a tres vozes e com solo de tenôr por um amador, de linda voz, o sr. José de Brito — *La Rose Sauvage*, de Schubert — e duas inspiradissimas composições de Ernesto Maia, *Novella* e *Dansa das Rosas*, foram objecto de interminaveis ovações, sendo todas bisadas.

O considerado artista portuense, a quem affectuosamente felicitamos pela sua brilhante festa, recebeu de amigos e discipulas grande numero de valiosos presentes.

*

O notavel artista Vianna da Motta, realiso o seu primeiro concerto no theatro D. Maria, na noite de 4 do corrente.

Esta audição, como aliás todas aquellas em que Vianna da Motta toma parte, foi de um alto interesse para todos os amadores de musica séria e pura.

Vianna da Motta não é só um pianista cujas qualidades o collocam a par dos primeiros concertistas do mundo, mas um notavel observador do estylo dos grandes mestres e profundo conhecedor de toda a obra classica.

O programma d'este concerto bastaria para avaliar a alta competencia de Vianna da Motta em materia d'arte. Só um verdadeiro artista, como o nosso illustre compatriota, saberia organizar uma audição com obras de incontestavel merito e alto interesse musical, como as que o grande concertista reuniu no programma do seu concerto.

Desde a fantasia de *Chopin*, executada com admiravel correcção e grande sentimento, até á *Marcha nupcial* de Mendelssohn Liszt, em que Vianna da Motta attingiu a suprema perfeição, pôde dizer-se que todas as obras tiveram em Vianna da Motta um interprete á altura do valor que representam.

Destacaremos ainda o andante com variações da sonata em *mi maior* de Beethoven, executado com grande observancia de estylo, sentimento adequado e extraordinaria perfeição technica, e os estudos symphonics de Schumann, incluindo os tres estudos posthumos que pela primeira vez eram ouvidos em Lisboa.

Como todas as composições de Vianna da Motta, os seus *Tres improvisos* são de uma bella factura. Os motivos populares

portuguezes sobre os quaes são baseadas essas composições, acham-se artisticamente desenvolvidos e elegantemente desenvolvidos.

Vianna da Motta foi alvo das mais entusiasticas ovações ao finalizar todos os numeros do programma, e ao terminar o concerto as chamadas repetiram-se sem cessar sempre com o mesmo enthusiasmo.

O notavel artista executou fóra do programma um estudo e uma valsa de Chopin, a que imprimiu a graça e leveza que aquelles trechos reclamam.

Vianna da Motta partiu para o Porto, onde realisou uma audição, voltando brevemente a Lisboa, para se fazer ouvir n'um outro concerto no theatro D. Maria, que será no proximo dia 19 e que sem duvida terá a concorrência devida.

*

No salão do Conservatorio realisou-se, no domingo 9, pelas 2 horas da tarde, uma audição dos alumnos do illustre professor de piano Timotheo da Silveira.

Os creditos d'este abalisado professor estão de ha muito firmados, para que vamos enaltecer as raras qualidades pedagogicas que o notabilisam. As suas discipulas contam-se ás dezenas e em cada uma d'ellas se encontra sempre uma pianista de alto valor.

Póde dizer-se que as nossas primeiras amadoras devem a sua educação aos conselhos do sabio professor, e se as quizessemos enumerar seria necessario encher uma columna d'esta revista.

N'esta audição todas as discipulas se apresentaram dando provas cabaes de aproveitamento, e bem assim a bella escola em que vão sendo iniciadas. Não mencionamos nomes, pois todas as executantes mostraram, com relação ao seu grau de adiantamento, apreciaveis qualidades technicas e dicção correcta.

As nossas felicitações a Timotheo da Silveira, pelo feliz resultado d'esta festa.

*

O acontecimento musical de maior sensação, no Porto, durante esta quinzena, foi a dupla audição d'instrumentos de sôpro, com que terminou o *Orpheon Portuense* o seu bello cyclo de concertos n'esta epoca.

Fazer a historia do *Orpheon Portuense* seria talvez fazer a historia de todo o movimento musical do norte do paiz, nos ultimos 30 annos; seria pelo menos fazer a historia da instituição mais artistica e mais persistente, que com vistas musicas se tem

creado até hoje em Portugal. Orientada de ha muito pela cabeça, absolutamente privilegiada, de Bernardo Moreira de Sá, amparada dia a dia por um braço, como o d'elle, que parece moldado em aço da mais fina tempera, acarinhada e constantemente vigiada por alguns homens d'eleição, de todo votados á sua causa, como Honorio de Lima e poucos mais, esta instituição, que não hesitamos em classificar de modelar (para um paiz como o nosso), tem jus á maior das glorias a que póde aspirar uma sociedade d'essa natureza, qual é a de crear, educar e orientar um publico inteiro.

Porque o publico portuense, que leva a leviandade e a indiferença a ponto de prejudicar um spectaculo dramatico com toda a casta d'interrupções, conversando, tossindo (Quanto se tosse no Porto, meu Deus!), entrando no meio dos actos e atirando violentamente com os tamos das cadeiras, tem um respeito especial pela sala de concertos, onde está silenciosa e comedidamente, entra a tempo, comprehende e commenta o que está ouvindo, interessa-se pelas peripecias da execução, sublinha com intelligencia o que lhe agrada e, finalmente, compensa com toda a especie d'attensões e gentilezas o artista que o soube commover e enthusiasmar.

Ao *Orpheon Portuense* e a alguns professores do Porto se deve, quasi exclusivamente, este afinamento do gosto publico, este acendrado culto, que se exteriorisa no Porto, mais talvez que em qualquer outra cidade do paiz, em favor da obra d'arte e d'aquelles que nol'a fazem apreciar e amar. Consagrado primitivamente aos córos orpheonicos, que lhe deram o titulo que ainda hoje conserva, enveredou mais tarde por outro caminho, e tornou-se o propugnador de todos os generos de musica, os bons, bem entendido, fazendo prevalecer nos seus programmas a melhor musica de camara, tanto antiga como moderna. Nos ultimos annos alargou ainda as suas vistas e organizou a sua vida de modo a poder chamar notabilidades estrangeiras e constituir com ellas umas interessantissimas séries de oito concertos annuaes, que indistinctamente visam as obras de virtuosidade e as mais celebres peças de conjuncto.

É no fechar de um d'esses cyclos, absolutamente notaveis, que vamos surprehender n'este momento o benemerito *Orpheon Portuense*. Escripturndo para dois concertos (5 e 7 de maio) a *Societé de musique de chambre pour instruments à vent*, de Paris, prestou a notavel instituição um serviço d'arte, que os amadores do Porto não devem esquecer, e que nós outros não podia-

mos deixar passar, sem uma referencia especial.

Entre os *chefes de pupitre* d'essa celebre sociedade artistica ha personalidades, cuja fama passou de ha muito as fronteiras da Franca, repercutindo-se em todos os recantos da Europa culta. Ph. Gaubert, na flauta, Louis Bleuzet, no oboé, Prosper Mimart, no clarinete, e Léon Letellier, no fagote, são artistas de reputação mundial e talvez unicos, pela delicadeza da interpretação e inexcédível sonoridade.

Ph. Gaubert, discipulo de Taffanel, segundo chefe da Sociedade de Concertos do Conservatorio de Paris e solista da Opera, interessou muito particularmente o numero publico do *Orpheon*. Fez-se ouvir, como solista e com immenso applauso, na *Sonata em mi*, de Bach, em um *Nocturno*, e *Scherzo* de sua composição, n'uma transcripção de um dos nocturnos de Chopin e no *Scherzo* de Widor.

O oboista Bleuzet póde considerar-se como uma das figuras mais salientes do grupo. A facilidade da sua emissão no difficilissimo instrumento é absolutamente rara; o som é delicioso, a maleabilidade inexcédível e a justeza, mesmo nos limites mais agudos da sua escala, attinge a verdadeira perfeição. Tocou a solo a *Sonata em sol menor* de Haendel e duas encantadoras e transcendententes peças de Godard.

Mimart, o administrador da Sociedade d'Instrumentos de sopro, é professor de clarinete do Conservatorio de Paris e solista da Sociedade de Concertos do mesmo Conservatorio; como concertista distingue-se por um virtuosismo phenomenal, por extraordinaria elasticidade de som e por uma rara musicalidade. Tocou impecavelmente o *Andante* e *Rondó* de Weber.

Entre as figuras magnas do grupo citemos ainda Léon Letellier, discipulo de Jancourt e solista de fagote na Opera e na Sociedade de Concertos. Executando o andante e final do *Concerto* de Mozart, mostrou Léon Letellier todo o partido que do ingrato instrumento se pode tirar em delicadeza, paixão, poesia e *verve*. Teve, como os seus collegas, um exito completo.

Mas onde os valiosissimos artistas attingiram o maximo da emoção e do effeito, foi nas peças de conjuncto, em que da opposição dos timbres, da cohesão admiravel das sonoridades, da *souplesse* do phraseado e do perfeito equilibrio de todos os valores, resultou um verdadeiro regalo d'arte, para muitos absolutamente inedito. Ahí já nenhum dos artistas predomina, nem pretende sobresahir; desapareceram todas as velleidades de triumpho individual e todos estão

animados de um unico desejo, o de valorisar por todos os modos possiveis as obras que são chamados a traduzir-nos e que transformam por vezes em lidimos *chefs d'oeuvre* d'execução e d'interpretação.

N'essas peças de conjuncto, produziram-se mais dois artistas de que ainda não falámos: — J. L. Pénable, o trompista, e Gabriel Grovlez, o pianista da Sociedade. Sem ter, qualquer d'elles, a envergadura artistica dos seus *partenaires*, concorrem grandemente para o bom exito das obras em que teem de collaborar Pénable, que não é um cantor positivamente excellente no seu instrumento, tem dotes de virtuosismo que lhe permittem vencer sem apparente esforço as maiores difficuldades technicas que se lhe deparem. O pianista Grovlez, que foi discipulo de Decombes e de Diémer, distingue-se pela sobriedade com que acompanha, pelo relevo que imprime ás phrases que lhe são individualmente attribuidas e pela confiança com que ataca os passos mais arduos; se não fosse uma deploravel tendencia para *correr* e d'ahi uma indecisão rythmica que os seus collegas se esforçam quasi constantemente por attenuar, Gabriel Grovlez seria um artista completo e absolutamente adequado para o optimo desempenho do seu lugar n'esta Sociedade.

Terminamos este *compte-rendu*, já um tanto longo para as dimensões d'esta revista, dando a nota das obras de conjuncto, que se executaram nos dois bellos concertos do *Orpheon*. São as seguintes: — *Caprice sur des airs danois et russes* de Saint-Saëns, para piano, flauta, oboé e clarinete, *Quintettos* de Mozart e Beethoven, para piano, oboé, clarinete, trompa e fagote, *Quintetto* de Klughardt para flauta, oboé, clarinete, trompa e fagote, *Sextetto* de Thuille, em que figuraram todos os instrumentistas do grupo e uma peça ultra-avancada de Albert Russel, tambem para sextetto.

Algumas d'essas obras, que a *Sociedade de Musica de Camara* já fez conhecer em Lisboa, mereciam sem duvida que d'ellas nos occupassemos particularmente, já pela sua interessante contextura, já pela inexcédível perfeição com que foram traduzidas, em todos os seus pormenores, pela illustre sociedade musical franceza.

Não podemos, infelizmente, pelos motivos já ditos, alargar os limites d'este artigo e fechamol-o com uma saudação ao incansavel *Orpheon Portuense*, que tão corajosa e nobremente tem sabido desempenhar a sua alta missão de ensino e de propaganda.



ESTRANGEIRO



PORTUGAL

Commemorando o centenario da morte do venerando Haydn, em 31 de maio de 1809, será o proximo numero da *Arte Musical* inteiramente consagrado ao creador da symphonia.

Estamos tratando das gravuras e do texto para esse numero que, apesar de modesta homenagem a quem tão grandes as merece, diligenciaremos tornar tão interessante quanto nos seja possivel.

*

Por motivo de fallecimento de pessoa de familia de Raymundo de Macedo, não pôde este novel mas já illustre pianista dar aqui em Lisboa o concerto que amavelmente offerecera á *Sociedade de Musica de Camara*, com o obsequioso concurso da applaudida violinista D. Ophelia d'Oliveira.

O golpe que imprevistamente o feriu, impediu os amadores da capital de o apreciarem, como elle merece, mas consolemo-nos com a esperanza de que no seu regresso do Brazil, para onde seguiu em 10 do corrente, gosaremos d'um prazer de que agora a fatalidade nos privou.

E, se nos é permittido um voto, que Raymundo de Macedo veja coroada de exito a sua *tournee* pela grande Republica.

*

Em 23 do corrente realisa-se, com um programma cuidadosamente organizado, o concerto do violoncellista Manoel Silva, moço artista de esperançoso futuro.

Além de peças a solo por elle executadas, sendo algumas composições originaes, ha numeros para piano, violino e harpa em que se farão ouvir artistas e amadores já applaudidos do publico.

A distincta cantora D. Africa de Calimero toma tambem parte, e a preceder a audição musical, o sr. dr. João de Cayres fará uma conferencia

Pelo que deixamos dito é de esperar que seja uma interessante festa.

Já recebemos o programma da Exposição Instrumental de Rotterdam, que terá logar na segunda quinzena de Maio. Será dividida em 16 grupos, comportando instrumentos antigos, exóticos, modernos de todos os generos, apparatus mecanicos, edições musicas, phonographos, etc.!

Haverá festas, audições musicas e um grande concurso nacional de musica para banda marcial e fanfarra.

*

Na Opera de Paris está em ensaios o *Bacchus* de Massenet e Catulle Mendés. Comporta o primeiro acto d'essa obra tres partes importantes de declamação, que são confiadas aos actores De Max, Lucie Brille e Mad.elle Ventura

*

Em 25 de maio effectua-se n'esse mesmo theatro o festival destinado a recolher fundos para a construcção de um monumento a Beethoven. Ha dois annos, com o mesmo intuito e na mesma Opera, fez-se outra festa d'extraordinario brilho, em que se tocou a *Nova Symphonia*, dirigida por Saint-Saëns, tomando parte as celebres cantoras Delna e Selma Kurtz.

Consta que a d'este anno não será menos brilhante

*

Lembram-se d'aquella evocadora da musica de cravo, M^{me} Wanda Landowska? Decerto que sim, mas para refrescar a memoria, ahí vae a noticia de um interessantissimo concerto que ella acaba de dar em Paris

A grande e erudita artista, inconfundivel no genero a que se dedicou, mimo-seu agora os felizes que foram ouvil-a, dando-lhes a *Fantasia e Capricho* de Bach, *Gavotte variée* de Rameau, *Groun* de Purcel, *Chasse du Roy* de John Bull e *Rouxinol* de auctor desconhecido.

E como quer que o entusiasmo fosse extraordinario, tocou extra uma *Bourrée* popular do Auvergne, reproduzida com um rythmo prodigioso, e a *Musette e Tambourin* de Couperin

E ainda lhe ficou tempo e talento para se fazer applaudir no piano na *Partita* em *dó menor* de Bach, n'uma sonata em *re maior* de Mozart e n'outra em *mi menor* de Haydn, completamente esquecida.

A interessante pianista e cravista acaba tambem de publicar um livro, particularmente curioso, com o seguinte titulo:—*Mu-*

sique ancienne (Style, interprétation, instruments, artistes).

Como se sabe, Wanda Landowska tem sido uma das mais convencidas propagandistas da Musica dos seculos xvii e xviii que executa de uma maneira ideal — e isso dá-lhe uma especial auctoridade no assumpto que agora quiz explorar litteraria e historicamente.

*

Cantou-se agora em Colonia a série completa das obras de Wagner, excepção feita do *Parsifal*.

No dizer do correspondente que nos dá esta noticia, é preciso ouvir essas obras na Allemanha, executadas por uma orchestra de amadores do «deus de Bayreuth», dirigida por um chefe, que graças a estudos especiaes, logrou penetrar o espirito do genial compositor, para poder avaliar toda a belleza, toda a profundidade, e sobretudo, toda a poesia de taes obras.

De resto, a propria lingua allemã parece adaptar-se á maravilha aos poemas que o mestre pôz em musica, e depois os metaes nas orchestras germanicas parece terem sonoridades desconhecidas nas outras orchestras e contribuirem poderosamente, por meio de uma fusão estranha com os demais instrumentos, para se obterem effeitos unicos.

*

Na sala Pleyel o delicioso cantor mr. Stephane Austin, realisou um concerto consagrado a Schumann.

Precedeu-o uma erudita e interessante conferencia do notavel critico Calvocoressi, sobre o sentimento da natureza no grande musico.

Calvocoressi falou da utilização artistica d'este sentimento originado no romantismo, e tocando levemente o problema transcendente da pintura musical e da musica pura, alludiu á antipathia de Schumann pela musica chamada de programma, e ao intuito a que elle visava perante a natureza, que era não o de a evocar, mas sim o de exprimir a sua emoção pessoal por ella provocada.

Observou comtuço que embora Schumann viva em todas as suas obras, determinados *lieder* taes como, *Nocturno*, *Noite de Primavera*, *Na floresta*, *Flôr de lotus*, *Nussbaum*, etc., revelam o seu designio de exteriorisar aspectos d'aquella, sem todavia atingirem o que poderia chamar-se o *verismo* a não ser na peça descriptiva *La Fontaine*, unica talvez que assim pôde designar-se.

Nas outras composições o auctor da *Péri*

foi simplesmente um grande subjectivo e ellas são bem a expressão do seu temperamento.

Como commentario da conferencia, mr. Austin e M^{me} Jane Mortier fizeram ouvir algumas das mais bellas paginas do inesquecivel musico.

*

Foi agora recebida mais favoravelmente em segunda audição a *Légende* para harpa e orchestra, trabalho de mr. André Caplet, que originára tumulto quando em março passado se dera nos concertos Colonne.

Parece que o auctor tivera em vista traduzir em musica uma das *Historias extraordinarias* de Edgar Poe: — *le masque de la mort rouge*, um dos contos mais macabros do escriptor americano.

Trata-se do seguinte:

A Morte domina uma região, uma epidemia ceifa innumeradas vidas. Um principe desafia a *Assassina* e offerece aos seus amigos, em recinto fortificado e profundo, uma festa voluptuosa e magnifica. Mas ao bater da meia noite do gigantesco relógio, onde as badaladas soaram, uma figura estranha se destaca avançando. O principe corre para ella a querer rechaçar a mas cae fulminado, e um a um os demais convivas tombam exangues pelo solo, que uma especie de orvalho sangrento vae inundando.

Tal é o assumpto em que mr. André Caplet se inspirou para a sua *Légende* da qual um critico fala com louvor, dizendo traduzir ella com fidelidade a atmospheria de terror e de espanto que prepara a acção.

Parece que a parte de harpa confiada á maravilhosa tocadora M^{me} Wurmser-Delcourt, teve um acolhimento entusiastico.

*

Em 4 de maio deve ter-se realisado no Conservatorio de Paris o concurso Diemer, reservado aos primeiros premios de piano, durante os ultimos dez annos. São 8 os concorrentes

Nat, 18 annos (classe Diemer, 1907).

Pintel, 28 annos (classe Bériot, 1900).

Trillot, 18 annos (classe Risler, 1908).

Coye, 23 annos (classe Philipp, 1907).

De Francmesnil, 23 annos (classe Diemer, 1905).

Frey, 20 annos (classe Diemer, 1906).

Garès, 25 annos (classe Diemer, 1902).

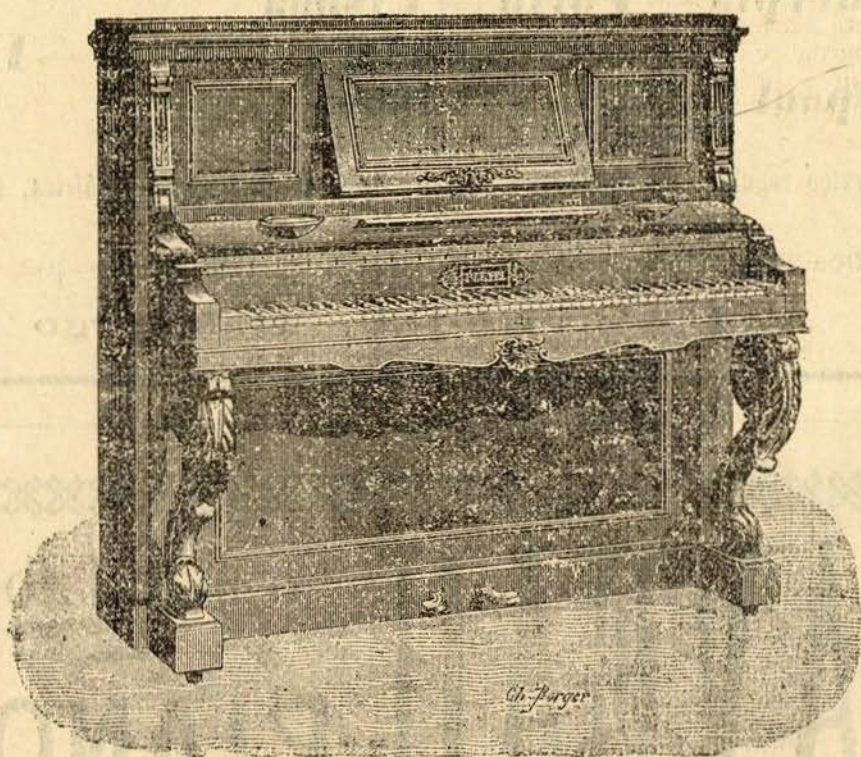
Lortat-Jacob, 23 annos (classe Diemer, 1901).

Archivamos estes nomes na esperanza de que entre elles algum se torne uma verdadeira gloria musical.

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

Pleyel Wolff Lyon & C.^{ie}

Grande fabrica de pianos e harpas
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(Systema Lyon privilegiado)

* PIANO DUPLO PLEYEL *

(Systema Lyon privilegiado)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

Presidente do Jury (classe 17) da exposição de Paris — 1900.



A. HARTRODT



Séde: **HAMBURGO** — DOVENFLETH, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre :

Hamburgo — Porto — Lisboa
Antuerpia — Porto — Lisboa
Londres — Porto — Lisboa
Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias Portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje

A. HARTRODT — Hamburgo

GAVEAU Grande Fabrica DE PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie—PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

Hors Concours: Barcelona (1888)—Moscow (1891)—Chicago (1893)—
Amsterdam (1895)—Paris (1900).

Diplomas d'Honra: Amsterdam (.883)—Antuerpia (1885)—Bruxellas
(1888)

Grand Prix: Hanoi (1893)—Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de
x x pianos d'esta reputada fabrica x x

Carl Hardt



==== Fabrica de Pianos ==== Stuttgart

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensa nas seguintes exposições:— Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior dintincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **Casa Lambertini**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.



Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados
para a Importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, ASIAHAUS

HAMBURGO, 8

AGENTES EM :— Anvers—Havre—Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA

Professores de musica

- Adelia Heinz**, professora de piano, *Rua de S. Bento, 56, 1.º E.*
- Alberto Sarti**, professor, *Rua Castilho, 34, 2.º*
- Alexandre Oliveira**, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*
- Alexandre Rey Collaço**, professor de piano, *R. N. de S. Francisco de Paula, 48*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO.*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *Rua do Monte Olivete, 2, C., 2.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.*
- Eduardo Nicolai**, professor de violino, *informa-se na casa LAMBERTINI.*
- Elisabeth Von Stein**, professora de violoncello, *R. S. Sebastião, 9, 2.º*
- Ernesto Vjeira**, *Rua de Santa Martha, 232, A.*
- Francisco Baiha**, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*
- Francisco Benetó**, professor de violino, *Costa do Castello, 46.*
- Guilhermina Callado**, prof. de piano e bandolim, *R Paschoal de Mello, 131, 2.º, D.*
- Joaquim A. Martins Junior**, prof. de cortim, *R. das Salgadeiras, 18, 1.º*
- José Henrique dos Santos**, prof. de violoncello, *T. do Moinho de Vento, 17, 2.º*
- Julieta Hirsch Penha**, profes.ª de canto, *T. Santa Quiteria, rua Particular, 5, 1.º*
- Léon Jamet**, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*
- Lucilia Moreira**, professora de musica e piano, *Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.*
- M.ª Sanguinetti**, professora de canto, *R. da Penha de França, 4, 3.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 51, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua D. Carlos I, 144, 3.º*
- Rodrigo da Fonseca**, professora de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral
Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias	1\$200 réis
No Brazil (moeda forte)	1\$800 »
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Lisboa